

## O impacto do projecto artístico-formativo *Grande Bichofonia* no contexto das AEC

Sónia Rio Ferreira soniario@gmail.com

Maria Helena Vieira m.helenavieira@ie.uminho.pt

Helena Rodrigues hm.rodrigues@netcabo.pt

### Resumo

No âmbito da filosofia da Companhia de Música Teatral (CMT), caracterizada por uma forte intervenção educativa associada à criação artística, a CMT concebeu o projecto artístico-formativo *Grande Bichofonia*. Este projecto centrou-se na identificação de dois pontos críticos relativos à leccionação de Música no âmbito das Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC): a carência de reportório musical adequado a crianças da faixa etária compreendida entre os seis e os dez anos de idade e as lacunas de formação reveladas pelos professores que leccionam neste âmbito. O projecto *Grande Bichofonia* surgiu assim associado à edição de materiais musicais e educativos (*A Enciclopédia da Música com Bicho*), visando actuar também sobre a formação de professores de música que leccionam no âmbito das AEC. A ideia de incentivar cada professor de música a desenvolver-se como artista – paralelamente à sua actividade pedagógica – é uma linha estruturante do projecto. Ou seja, a formação proporcionada no âmbito do projecto é de natureza vivencial e implosiva.

O sucesso alcançado na primeira edição do projecto em Lisboa (2007) que contou com a participação de 12 alunos do curso de pós-licenciatura no Ramo de Formação Educacional em Ciências Musicais (da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), levou à sua reedição na Casa da Música no Porto (2008), desta vez dirigido a um maior número de participantes (48 formandos).

O público-alvo de ambas as formações foram os docentes das AEC. Só com professores motivados se consegue a motivação dos alunos. Este foi o lema deste projecto concebido pela CMT. Nesta comunicação apresentar-se-ão aspectos relativos à concepção e realização artística do projecto e alguns dados relativos ao impacto que o mesmo teve na formação dos formandos, no contexto das AEC.

### Introdução

Aos alunos inscritos na unidade curricular do Seminário de Pedagogia Musical no âmbito da pós-licenciatura no Ramo de Formação Educacional em Ciências Musicais na Universidade Nova de Lisboa (2006/2007), foi dada a oportunidade de integrar o projecto artístico-formativo *Grande Bichofonia*, que culminou em dois dias de concertos no final do ano lectivo – correspondente à 1.ª edição do projecto concebido e dirigido pela Companhia de Música Teatral (CMT), que mais tarde se repetiu na Casa da Música no Porto. Vivi esta experiência musical com outros colegas de curso que também se encontravam a leccionar a actividade de música no contexto do recém-criado programa educativo das Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC) (regulamentado pelo Despacho n.º 12591/2006, e posteriormente revogado pelo Despacho n.º 14460/2008).

O terreno das AEC mostrou-se, para todos nós, de difícil penetração. Havia uma desconfiança por parte dos agentes da comunidade educativa em relação a nós, professores daquelas novas actividades. No mesmo espaço educativo, pareciam coexistir duas escolas: a da manhã, reservada ao estudo das disciplinas de maior importância integradas no currículo, para as quais era necessária uma grande articulação entre os diferentes agentes educativos; a da tarde, reservada aos tempos livres das crianças, agora enriquecido com actividades (AEC), para as quais não era necessário ser-se rigoroso, nem esperar



muita adesão das crianças. No fundo, sentimo-nos profundamente desrespeitados e partilhávamos uma frustração enorme por não conseguirmos actuar como professores naquele ambiente de ensino, agravado pelo seu carácter opcional.

Num momento de profundo desânimo, a iniciativa da *Grande Bichofonia* representou um novo alento na minha vida profissional e pessoal. Pela primeira vez, eu senti que fazia realmente parte do meu projecto de formação. Orientada de um modo eminentemente informal, deixei-me levar pelo jogo, pelo movimento e por toda aquela energia presente em cada *workshop* que ia avançando sem problemas de inibição ou desconforto. Nada me foi imposto, e em tudo eu podia participar e ajuizar.

O facto de, por um lado, ter integrado a primeira edição do projecto que decorreu em Lisboa como participante activa, e, por outro, ter acompanhado de perto, como observadora, a segunda edição do projecto da *Grande Bichofonia* na Casa da Música, permitiu-me realizar esta investigação numa dupla perspectiva sequencial: partindo do meu próprio testemunho e averiguando as posições tomadas pelos formandos que participaram no projecto produzido no Porto.

Esta formação desperta bastante interesse pela novidade que representa. A realização de uma segunda edição do projecto da *Grande Bichofonia* na Casa da Música no ano de 2008, é prova disso. Trata-se de um conjunto de *workshops* eminentemente práticos, influenciados pelas pedagogias de Edwin Gordon (Gordon, 2000; 2005) e Murray Schafer (Shafer, 1992), que visam uma participação activa e um grande envolvimento dos intervenientes na construção de um espectáculo musical e teatral final. Em regime de 'obra aberta', é um projecto que se vai fazendo, ao longo de várias etapas progressivas, e onde é fundamental a colaboração e imaginação de todos, de forma a imprimir uma marca pessoal ao espectáculo final. Por essa razão, o resultado final das duas edições do projecto não foi idêntico.

O presente artigo focar-se-á no projecto artístico-formativo desenvolvido no Porto. Com o objectivo de conhecer o impacto que este tipo de formação causa no contexto das AEC, este texto divide-se em duas secções. Numa primeira parte procura-se alertar o leitor para o problema da formação docente no âmbito das AEC. Em seguida, apresentam-se alguns dados relativos à forma como o projecto de formação foi recebido pelos formandos participantes, finalizando-se com uma breve conclusão ao estudo.

### A formação docente para as AEC

Com o surgimento das AEC (Despacho n.º 12591/2006, revogado pelo Despacho n.º 14460/2008), o ensino de música chega finalmente, de facto (embora de forma facultativa), a uma faixa etária mais jovem de alunos a nível nacional, para regozijo de muitos pedagogos e professores de Educação Musical, cujo interesse se começou a manifestar no mínimo há já meio século. Sem esquecer que a própria Lei de Bases do Sistema Educativo Português previa a inclusão das artes no currículo: na alínea *c* do art.º 7 lê-se como um dos objectivos do ensino básico: "*Proporcionar o desenvolvimento físico e motor; valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios*" (Lei n.º 46/86). Para além disso, para tornar possível a concretização deste objectivo, o art.º 8 da mesma Lei recomendava que o professor titular (generalista) fosse coadjuvado por um outro especialista. Esta medida não foi implementada pela maioria das escolas por razões diversas, que ocorrem com frequência na passagem do currículo legislado ao currículo praticado. Algumas escolas desconheciam essa possibilidade legal, outras tentaram fazer o pedido ao Ministério da Educação e não obtiveram resposta. Supõe-se que a despesa envolvida na contratação de professores especialistas coadjuvantes, bem como na aquisição de instrumentos musicais, possa ter pesado na inércia do Ministério da Educação e das escolas.

Com este novo programa educativo de Actividades de Enriquecimento Curricular lançado pelo Ministério de Educação surgem também novas interrogações educativas: O que se deve aprender? O que se deve ensinar? Ou, por outras palavras, qual é o papel do aluno? Qual é o papel do professor?



Para responder à primeira questão, o Ministério de Educação elaborou um currículo conhecido desde Setembro de 2006 como *Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2006).

Relativamente à formação dos docentes para a leccionação da actividade de Música, já se levantam outras questões no contexto das AEC. A explosão da oferta de trabalho que decorreu da implementação do programa põe em causa um problema de base: a falta de professores habilitados, como constatou a CAP (Comissão do Acompanhamento do Programa) no *Relatório Intercalar de Acompanhamento* de 2006 (Palheiros & Encarnação, 2007: 32; Oliveira, Coelho, Matos, Milhano, 2008: 30-31). Por outro lado, o próprio despacho que cria este novo programa, sobre o perfil de professores de ensino da música, merece ser estudado com muita precaução. Este despacho acabou por ser revogado (no sentido de responsabilizar mais os pais e as escolas pela participação das crianças nas AEC, apesar de estas continuarem a reger-se pelo princípio da não-obrigatoriedade da sua frequência) com o surgimento de um mais recente (Ministério da Educação, Despacho n.º 14460/2008); contudo o artigo 16.º, que trata desta matéria sobre o perfil dos professores, manteve-se. Nele, consta que poderão recrutar-se para o ensino da música nas AEC professores: diplomados com um curso profissional na área da música; detentores do 8.º grau do curso complementar de música; e outros profissionais com currículo relevante (Despacho n.º 14460/2008).

Não há dúvida de que as habilitações mencionadas se centram numa área científica específica – a música – exigência essa claramente fundamentada e esperada. No entanto, é necessário ter em conta outras dimensões tão importantes quanto a especificidade da área de saber (musical) no contexto de ensino das AEC, nomeadamente a componente pedagógica e o público alvo deste tipo de aprendizagens, que são as crianças do 1.º ciclo (APEM, 2007: 6).

É com certeza necessário reflectir e reanalisar com urgência esta legislação, mesmo considerando que ela pode servir apenas uma fase de contratação difícil em período de expansão do corpo docente ao serviço do Ministério da Educação.

Está a sentir-se actualmente em Portugal ao nível da Educação Musical, o mesmo que ocorreu em Inglaterra com a Reforma Educativa de 1988 (Holden & Button, 2006: 23-24). Em Portugal, tal como na Inglaterra dos anos 80, não existem professores de música qualificados em número suficiente para dar resposta às ofertas educativas surgidas com as AEC a nível nacional para toda a rede de escolas do 1.º ciclo do Ensino Básico. Para além disso, prevalece o preconceito de que as crianças não necessitam de receber uma educação tão qualificada quanto os estudantes mais velhos, quer do ponto de vista pedagógico como do conteúdo. Porém, o oposto é que será verdade, e devem ambicionar-se as melhores situações de aprendizagem a todos os níveis de escolaridade.

Surgem outros problemas, como consequência directa deste tipo de formação de alguns professores das AEC, nomeadamente: o prejuízo da educação musical infantil, e uma dupla desvalorização quer da profissão docente, quer da própria actividade curricular de música. Isto só vem demonstrar que o facto das AEC estarem fora do “*core curriculum*”, funcionando como uma actividade opcional, acaba por gerar injustiças na oferta formativa, pela mão daqueles de quem se esperaria o maior assentimento (os pais). Mais, só vem reforçar a ideia de que as artes devem estar integradas no currículo da escolaridade obrigatória como qualquer outra disciplina (Mota, 2007: 17), e não serem relegadas para as actividades “extra”, sujeitas aos interesses dos encarregados de educação.

#### *A recepção do projecto pelos formandos participantes na Casa da Música do Porto*

Ao longo das várias sessões de formação, foi solicitado aos formandos que preenchessem relatórios e realizassem diários pessoais relativos a algumas daquelas sessões. Este material documental foi concebido pela CMT com o intuito de avaliar o seu próprio projecto e perceber melhor as necessidades



de formação, assim como conhecer um pouco o terreno onde trabalhavam os formandos e as dificuldades que os acompanhavam. Da informação recolhida realizou-se apenas uma primeira parte da Avaliação do Projecto *Grande Bichofonia* decorrido na Casa da Música, sob o título “*O Impacto da Formação (análise relativa à 1.ª sessão de trabalho realizada a 26 de Janeiro de 2008)*”. Este estudo resulta do contributo de um total de 28 formandos. A nossa intenção é agora apresentar os resultados deste impacto.



Fig. 1. Formação Grande Bichofonia, Casa da Música, Porto (Foto: João Messias)

Os relatórios elaborados pelos formandos participantes neste projecto acerca da primeira sessão de trabalho, indicam um balanço bastante positivo. Para completar a frase “*Este workshop foi... porque...*”, as palavras mais citadas foram “*muito interessante*”. No entanto, o impacto deste *workshop* deu origem a outras caracterizações tão ricas de significado quanto, logo mais, o número de formandos, das quais se destacam algumas: “*Excelente*”; “*espectacular*”; “*novidade*”; “*um desafio*”; “*criativo*”; “*bastante divertido*”; “*agradável surpresa*”; “*diferente; educativo*”; “*envolvente*”; “*gratificante*”; “*entusiasmante*”; “*cativante*”; “*estímulo artístico*”.

Para justificarem a caracterização que fizeram sobre este primeiro *workshop*, as respostas dos formandos apontam para três motivos:

I) O lado prático do projecto. Os *workshop* foram eminentemente práticos, na medida em que desenvolveram competências e estratégias de aprendizagem musical, como cantar e improvisar.

II) O carácter lúdico e motivador do projecto. O factor motivação é salientado com alguma frequência e é decisivo para o sucesso das aulas de Educação Musical para muitos dos formandos. Os jogos vivenciados neste *workshop* suscitam assim muito interesse.

III) Um desafio e um exercício às suas capacidades e destrezas musicais. O facto do formando ser um agente integralmente activo neste projecto – que canta, dança, teatraliza, cria, etc., faz sobressair as capacidades musicais do docente que renasce como ‘artista’.

Quando os formandos são questionados sobre o que aprenderam, as suas respostas permitiram identificar sete áreas de aprendizagem. Utiliza-se a expressão áreas de aprendizagem para englobar quer conteúdos quer competências que foram sendo enumerados pelos formandos. As aprendizagens mais referenciadas pelos formandos foram, por ordem decrescente: movimento (13 ocorrências), criatividade (12); canções (9); ritmo (8); saber/fazer/sentir/prazer (8); prosódia (2); e ao nível pessoal (2). A aquisição de vocabulário por parte dos formandos foi então bastante diversificada.

Sendo esta formação dirigida a professores que actuam no terreno das AEC, tornou-se fundamental para a CMT averiguar o que os formandos considerariam mais útil a implementar no contexto de sala de aula. Deste modo, verificou-se que a possibilidade de transferência de vocabulário musical para os alunos, coincide com algumas das áreas de aprendizagem que os formandos revelaram ter adquirido, nomeadamente: movimento (8 ocorrências); canções (8); criatividade (6); e ritmo (3). É importante salientar que outros formandos indicaram que “*tudo*” o que aprenderam, pode ser experimentado/realizado com crianças.



Quando os formandos são questionados sobre como se sentem enquanto professores das AEC, as palavras “*Feliz*” e “*Bem*” destacam-se como qualificações atribuídas pelos formandos, a primeira com 6 ocorrências e a segunda com 4 ocorrências. Dentro das expressões negativas, surgem todas singularmente, com a excepção de “*Pouco motivada*”. Os discursos e sentimentos dos professores são muito variados. Se é possível identificar uma ‘classe’ que se sente bem na sua profissão e com os seus alunos há também uma outra classe que está desmotivada. No entanto, na maioria dos inquiridos que participaram na formação realizada no Porto (19 ocorrências), existe uma atitude positiva, a qual tem fundamento talvez pelo facto do programa das AEC permitir o recrutamento de docentes com habilitações diversificadas, permitindo assim a muitos a oportunidade de exercer como profissionais, quando as mesmas habilitações são consideradas insuficientes para o concurso nacional de professores.

Entre os docentes que revelaram estar desanimados com a sua situação profissional, identificam-se as seguintes razões de queixa: horários das AEC exclusivos ao período da tarde; debilidade da formação do professor com falta de competências práticas; problema da indisciplina e da falta de motivação que atravessa o 1.º Ciclo do Ensino Básico; ausência de apoios, estruturas e materiais necessários para a leccionação das AEC; problema da desvalorização das actividades das AEC pela restante comunidade educativa.

Por último, sobre a frase “*Como professor da AEC penso...*”, as respostas dos formandos permitiram identificar e agrupar as suas preocupações em duas grandes temáticas:

A) Acções de Formação. Para estes formandos é importante investir-se em acções de formação, referindo muitas vezes o próprio projecto da *Grande Bichofonia* como um bom exemplo de formação, capaz de colmatar alguns problemas existentes nos docentes que actuam no terreno das AEC.

B) Necessidade de valorizar os profissionais e as actividades das AEC. É sobre este assunto que as respostas se mostram mais significativas (18 ocorrências). De facto, a maioria dos formandos partilha da opinião de que existe um preconceito em relação às AEC. Na medida em que não só as actividades são vistas como secundárias, como os próprios professores se sentem inferiorizados na sua profissão.

### Conclusão

Urge saber o que se torna importante ensinar ao nível musical às crianças, para depois pensar na melhor maneira de formar os professores de educação musical das AEC. Para a Companhia de Música Teatral (CMT) o professor de música deve ser também músico, deve ser também um artista, de outra forma será muito difícil educar os seus alunos para serem músicos. A musicalidade das crianças só poderá ser estimulada com base em modelos, e neste caso os seus modelos são os professores de música. Para além disso, é fundamental que o professor tenha uma relação positiva com a música, considerando que a vivência de experiências criativas elevam a sua auto-estima (Alencar & Fleith, 2008: 59). Grande parte da motivação dos alunos deve-se à própria motivação do professor:

“No mundo da Educação, a Psicologia Positiva coloca a ênfase no aprender a pensar, a ser e a auto-regular-se, em detrimento da exclusiva apropriação dos conteúdos curriculares. A preocupação centra-se, então, no desenvolvimento de contextos educativos promotores de emoções positivas, mestria e sucesso na aprendizagem (Almeida, 1993; Chafouleas e Bray, 2004; Martens e Witt, 2004; Marujo *et al.*, 2004; Moore, Burland, e Davidson, 2003; Ormroad, 2003; Sloboda, 2000; Terjesen *et al.*, 2004)” (Araújo, Cruz e Almeida, 2007: 199).

Para concluir, dentro de alguns anos (ou décadas) estará já formado um corpo docente qualificado para o ensino da música no 1.º ciclo. Mas enquanto se esperam estas grandes mudanças, há que pensar em respostas rápidas e eficazes que, mesmo não sendo soluções ao problema da formação, representem ainda



assim formas de compensar as falhas existentes. A Companhia de Música Teatral não ficou indiferente a esta realidade educativa, e decidiu desenvolver o projecto artístico-formativo *Grande Bichofonia*. Pelos dados que foram obtidos no âmbito da avaliação do projecto, o balanço desta formação foi bastante positivo e merece ficar registado como um exemplo de boas práticas informais na área de formação docente de música para actuar no terreno das AEC.

### *Referências bibliográficas*

- Alencar, E. M. L. S e Fleith, D. S. (2008). Barreiras à Promoção da Criatividade no Ensino Fundamental. *Psicologia. Teoria e pesquisa*. Vol. 1, n.º 1, 59-65.
- Apem (2007). *Programa de generalização do ensino do inglês nos 3.º e 4.º anos e de outras actividades de enriquecimento curricular no 1.º ciclo do ensino básico. Relatório e Recomendações*, Lisboa.
- Araújo, L. S., Cruz, J. F. A. e Almeida, L. S. (2007). Excelência humana: teorias explicativas e papel determinante do professor. *Psicologia, Educação e Cultura*, Vol. XI, N.º 2, 199-221.
- Boal Palheiros, G. e Encarnação, M. (2007). Música como Actividade de Enriquecimento Curricular no 1.º Ciclo do Ensino Básico. *Revista de Educação Musical*, 128-129, 27-36.
- Castro, M. A. (2007). As Actividades de Enriquecimento Curricular no 1.º Ciclo. *Revista de Educação Musical*, 128-129, 22-26.
- Companhia de Música Teatral. (2008). O Impacto da Formação: análise relativa à 1.ª sessão de trabalho realizada a 26 de Janeiro de 2008. *1ª Parte da Avaliação do Projecto Grande Bichofonia decorrido na Casa da Música* (documento policopiado).
- Companhia de Música Teatral (2006). *Enciclopédia da Música com Bicho. Tomo I, II e III*. Lisboa: Companhia de Música Teatral (livro e CD).
- Gordon, E. (2005). *Teoria de Aprendizagem Musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gordon, E. (2000). *Teoria de Aprendizagem Musical. Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Holden, H. e Button, S. (March 2006). The teaching of music in the primary school by the non-music specialist. *British Journal of Music Education*, Vol. 23, N.º 1, 23-38.
- Ministério da Educação (Ed.), (2006). *Ensino da Música 1.º Ciclo do Ensino Básico – Orientações Programáticas*. Lisboa: DGIDC.
- Ministério da Educação (Ed.), (2007). *Actividades de Enriquecimento Curricular: Relatório Intercalar de Acompanhamento (Reportado a Dezembro 2006)*. Lisboa: CAP.
- Mota, G. (2007). A Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico – contributo para uma reflexão acerca do conceito de enriquecimento curricular. *Revista de Educação Musical*, 128-129, 16-21.
- Oliveira, M., Coelho, R., Matos, R., e Milhano, S. (2008). *Actividades de Enriquecimento Curricular. Relatório sobre a sua implementação no 1.º ciclo do Ensino Básico do concelho das Caldas da Rainha*. Leiria: Folheto Edições.
- Rodrigues, H. (2001). Pequena Crónica sobre notas de rodapé na Educação Musical. Reflexões a propósito da teoria da aprendizagem musical. *Revista electrónica de LEEME*, n.º 8, 1-14.
- Schafer, M. (1992). *O ouvido pensante*. S. Paulo: UNESP.
- Vasconcelos, A.Â. (2007). A Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico: o estado, a sociedade, a escola e a criança. *Revista de Educação Musical*, 128-129, 5-15.
- Vieira, M. H. (2007). Portuguese Music Education Today: Policy and Curriculum. In Everett, W. e Laird, P. (org.). *On Bunker's Hill. Essays in Honor of J. Bunker Clark*. Sterling Heights: Harmonie Park Press.

### **Legislação**

Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro.

Despacho n.º 12591/2006 de 16 de Junho.

Despacho n.º 14460/2008 de 26 de Maio.





---

# Revista

---

# de

---

# Educação

---

# Musical

---



Propriedade e Administração

**apem** Associação Portuguesa de Educação Musical • Instituição de Utilidade Pública • Representante em Portugal da ISME - International Society for Music Education • Rua D. Francisco Manuel de Melo, 36-1.º D.º 1070-087 Lisboa, Tel. / Fax 21 38 68 101; Sítio web: [www.apem.org.pt](http://www.apem.org.pt); Correio-e: [educacaomusical@sapo.pt](mailto:educacaomusical@sapo.pt)

Direcção da APEM Graça Boal Palheiros, Maria Manuela Encarnação, Vasco Manuel Broco da Silva, Ana Catarina Andrade, António Ângelo Vasconcelos.

Directora Graça Boal Palheiros, Instituto Politécnico do Porto Conselho redactorial Graça Boal Palheiros, Maria Manuela Encarnação Conselho científico Beatriz Ilari, Universidade Federal do Paraná • David Hargreaves, Universidade de Surrey, Roehampton, Londres • Elisa Lessa, Universidade do Minho • Graça Boal Palheiros • Graham Welch, Universidade de Londres.

Impressão Barbosa & Xavier, Lda. - Rua Gabriel Pereira de Castro, 31 A e C, Braga - 4700-385 Braga  
Tiragem 800 exemplares Periodicidade semestral  
Preço por número 20,00 € Assinatura anual 35,00 €.

Registo no SRIP n.º 109959  
N.º Depósito legal 88071/95